

AS CARTAS AFETUOSAS DE UM CONTADOR DE HISTÓRIAS

Rebeca Bulcão da Silva¹

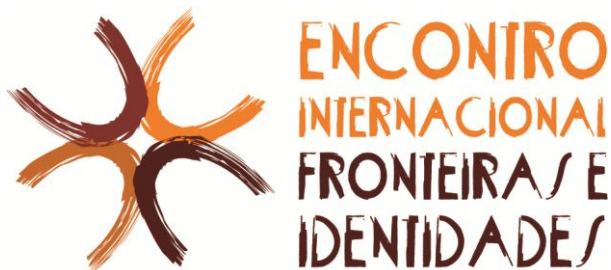
Resumo: O trabalho tem como enfoque a obra de Joel Rufino dos Santos intitulada *Quando eu voltei, tive uma surpresa* que reúne 32 cartas enviadas ao filho de oito anos no período de 1973 a 1974 em que foi preso político. A maior parte delas conta histórias, além de possuir recortes de jornais, postais e desenhos com o intuito de despertar a atenção infantil. Ao longo da narrativa, o autor recria o ambiente carcerário como um local utópico, para isso utiliza tanto a sutileza na linguagem quanto a representação por meio do conteúdo imagético. É um livro que relata a luta de um pai na tentativa de manter contato, evitar o sofrimento do filho e amenizar a saudade. A obra também é analisada sob a perspectiva de alguns teóricos e são discutidos conceitos como o narrador, o testemunho, o trauma e a memória.

O testemunho na literatura de cárcere, geralmente, descreve o ambiente da prisão e a experiência vivida pelo sujeito privado de sua liberdade. Tanto o testemunho que abrange os sujeitos que foram presos no período ditatorial quanto o surgimento de diversas formas de manifestação de literaturas carcerárias contemporâneas, diários, relatos e memórias, tem como um dos pontos principais o caráter de denúncia. Em muitos casos, essa literatura aparece no intuito de obter respostas, justiça ou reparação, em outros, para tornar explícita a situação vivida.

Verifica-se que na década de 60, diante do cenário da ditadura militar no Brasil, houve violências e torturas que passaram a se tornar públicas, anos depois, por serem relatadas, na maioria das vezes, por pessoas que foram presos políticos. Além da violência física, era comum a violência de caráter psicológico que agredia não só a natureza humana, mas a integridade do homem. Tais fatos não foram contemplados na narrativa de Joel Rufino dos Santos, a única evidência perceptível é citada pelo poeta Thiago de Mello na abertura e, após, na cronologia explicitada no final da obra, isso se deve, principalmente, porque as cartas reunidas na obra são dirigidas a um destinatário específico e tem motivações paternas.

É comum notar que a literatura de cárcere apresenta narrativas, escritas durante a prisão ou posteriormente, que relatam agruras, maus-tratos e sofrimentos daqueles que

¹ Universidade Federal de Pelotas, mestranda em Letras. E-mail: rebulcao@bol.com.br.



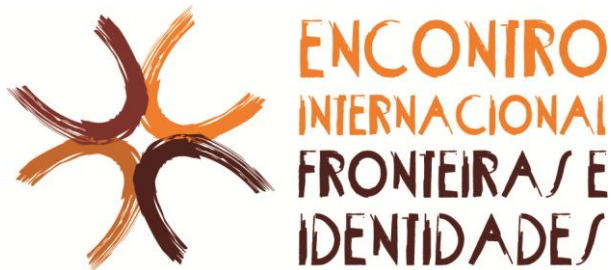
passaram por essa experiência, a obra de Joel Rufino não vai explorar esses aspectos, mas utilizando outros meios, vai recriar esse ambiente como algo utópico. O autor foi preso em dezembro 1972 por ser militante político da Aliança Libertadora Nacional, organização revolucionária que combatia o regime militar e também por ter participado do livro História Nova do Brasil que propunha uma reforma no ensino da disciplina. Diante desse fato, ele resolve manter contato com o filho de oito anos durante os anos de 1973 a 1974 em que esteve recluso no presídio do Hipódromo em São Paulo.

O livro *Quando voltei, tive uma surpresa* pode ser enquadrado como escrita de cárcere porque o local onde o autor se encontra e do qual remete cartas ao filho é a prisão. Pode ser considerado também uma obra epistolar de cunho memorialista em que o pai saudoso utiliza cartas para que o vínculo com o filho não seja perdido e, dessa forma, acompanhe o seu crescimento. O autor conseguiu reunir trinta e duas cartas que foram remetidas ao filho Nelson. As cartas só puderam ser publicadas porque a mãe de Nelson as guardou, enquanto aquelas enviadas pelo filho para Joel não foram liberadas após a sua saída da prisão.

De acordo com Peres (2007), até o século XIX as cartas eram bastante utilizadas como meio de contato entre dois interlocutores. Pode-se observar que as cartas além de ser um meio de comunicação, porém atualmente pouco usuais, tem a função também de aproximar as distâncias. Elas são a voz do próprio autor que revelam ansiedades e satisfações que lhe afetam interiormente e, que escritas em primeira pessoa, pretendem ser documento de “verdade” (verdades essas sob o ponto de vista do autor) e confirmadas pela própria assinatura. Alguns detalhes específicos são fatores importantes, pois remetem a uma orientação como, por exemplo, a data e o local em que foram escritas. Além disso, elas possuem a função do imediatismo, pois o instante vivido coincide com o que está sendo descrito. Alguns outros aspectos também são apontados por Neto (2009):

As cartas são importantes registros sócio-culturais, na medida em que contemplam espontaneamente a linguagem, hábitos corriqueiros, pensamentos e fatos cotidianos de um determinado grupo, em uma determinada situação temporal (Neto, 2009, p.64).

As palavras da mãe, Tereza, logo no prefácio do livro, relatam como Nelson reagiu ao saber que o pai tinha sido preso. Primeiramente, tentaram ocultar o fato, dizendo que ele havia viajado a trabalho, mas conforme o tempo foi passando decidiram contar a verdade. Tamanho



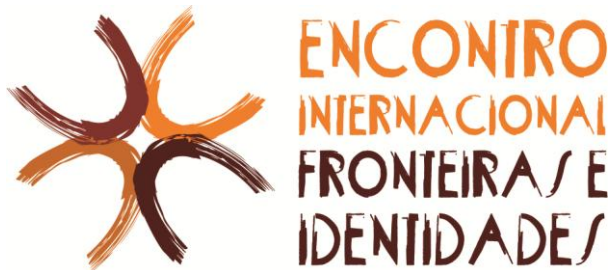
foi o abalo que Nelson se escondeu embaixo da cama abraçando a gaiola com seu passarinho. Após algum tempo, a situação foi sendo controlada e a saudade amenizada pelas visitas e pelas cartas. E tais cartas, guardadas por Teresa, possibilitaram que fossem reunidas e publicadas anos depois. “Guardei-as todas, as que chegaram – previamente lidas, censuradas e carimbadas – porque eram uma parte da história de vida do meu filho e do país em que vivemos” (Santos, 2000, p.7).

Outro elemento paratextual que merece destaque é “Aba cheia de estrelas”, de Thiago de Mello, em que se refere às cartas de Joel como uma expressão de amor: “precisamente pelo pecado de amar o Brasil e a verdade de sua história”. Mello revela uma frase marcante escrita por Joel em uma carta para o amigo, enquanto padecia no cárcere: “Thiago, faço questão de te dizer que me lavei daquelas aderências”. Ao descrever tal situação, percebe-se a necessidade do autor em conseguir se desprender de qualquer impressão ou sequele psicológica que a prisão poderia lhe causar. E ainda complementa, dirigindo-se ao leitor, que o livro “pode lavar das aderências de enganos que nos fazem danos à vida, ferem a nossa inteligência e mancham a infância que lateja no peito do homem”.

O maior receio apontado pelo pai é como revelar que está preso, mas não é um criminoso, de modo que, não assuste e poupe o filho do sofrimento. No intuito de não perder o laço e também participar do crescimento de Nelson, ele resolve restabelecer a ligação por intermédio de cartas. Pode-se notar, logo na primeira carta, que ele explica ao filho o porquê da sua prisão e reafirma a convicção nos seus ideais:

Eu viajei logo depois do Natal. Se lembra? Fui ao norte do Brasil, trabalhar. Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou. Aí, o governo me pediu que esclarecesse todas estas coisas. [...] Eu acho que tenho razão. As aulas que dei, as histórias que eu contei e as coisas que eu escrevi nos meus livros e nos jornais – eu acho que são coisas certas. O governo não acha (Santos, 2000, p. 9).

Em várias cartas ele descreve como é a sua vida dentro da prisão, os afazeres e as atividades que pratica. Por meio da linguagem o autor conta fatos a Nelson, recriando o presídio como um local imaginário e, de certa forma, harmonioso:



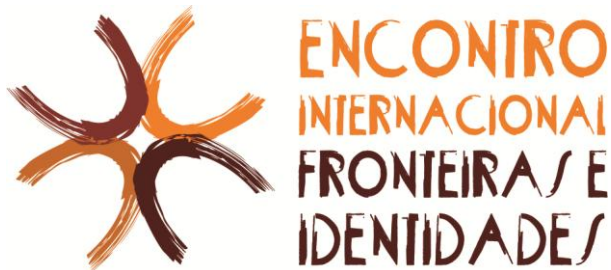
Nós mesmos fazemos nossa comida. Eu sei cozinhar, como você sabe embora não tenha muita experiência. Jogamos bola na terça-feira, na quarta-feira e na sexta. [...] De dia, a gente lê, estuda e trabalha. Estou aprendendo a fazer uma porção de coisas bacanas: bolsas, colares, canetas encapadas, chinelos etc. [...] De noite, cantamos e assistimos à televisão (Santos, 2000, p. 11).

Observa-se que o autor usa a imaginação para contar histórias como de Zumbi dos Palmares, ilustrando com desenhos, o Velho e o Mar de Ernest Hemingway, o nascimento de Jesus, a lenda de Iemanjá e reconta outras que aprendeu com sua avó. Ele também utiliza outros recursos como recortes de figuras e lugares históricos, postais antigos e atuais (1973) do Rio de Janeiro, sua terra natal. Em vários trechos, evidencia a saudade da sua terra, descrevendo o Pão-de-açúcar, praias, bondes e, em alguns casos, demonstra com desenhos. As cartas são coloridas e ricas em figuras. Ele faz questão de escrever com as canetinhas que foram presentes do filho Nelson. Tudo isso, permite que ele se aproxime do mundo infantil e lúdico e, desse modo, desperte a atenção do filho. Para o próprio autor, as cartas tornam-se uma forma de se distanciar do local no qual está inserido e alcançar um lugar mais próximo do filho.

Vieira (2010) ressalta que foram as cartas para o filho que despertaram Santos para a escrita de livros infanto-juvenis. Foi no intuito de estabelecer relações de reciprocidade que Joel estreia na vida literária: “À medida que escrevia ao filho, construía o seu mundo interior e, dentro dele, descobria a alma da história” (Vieira, 2010, p. 7).

Percebe-se que nessa narrativa há uma delicadeza na forma de expressar seus sentimentos, bem como uma sutileza na linguagem que emprega. O autor consegue suplantar o sofrimento e a angústia diante da situação de cárcere ao externalizar seu amor pelo filho. Além disso, os vários artifícios utilizados na escrita e na linguagem tornam o relato mais brando sobre o seu período carcerário. Ele tenta camuflar a realidade, transformando a prisão em um lugar menos inóspito e sombrio. Ao descrever o ambiente, por exemplo, em nenhum momento ele se refere às palavras presídio ou cela, mas sim em quartos numerados, parecendo mais um hóspede em uma colônia de férias. Isso se torna extremamente justificável quando o receptor da mensagem é uma criança, pois mostrar a realidade com toda a sua deformidade e nuances não seria apropriado e nem relevante sob a ótica infantil.

Nota-se também a preocupação constante de um pai zeloso com aquilo que o filho está vendo e ouvindo, critica alguns programas de televisão, pois considera inapropriado para



crianças e, em outros momentos, recomenda indicações de leitura. Pede que o filho lhe escreva cartas, traga fotos, cadernos e desenhos o que possibilita, desse modo, acompanhar o desenvolvimento e firmar essa proximidade.

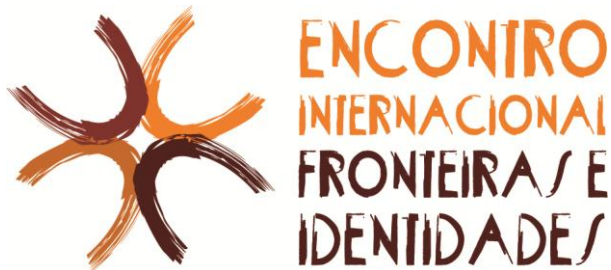
Com a privação da liberdade, é comum que os dias sejam pontuados e contados constantemente no calendário, tanto para as visitas como para o aniversário do filho e, enfim, para a sua saída. E cada vez mais a saudade se afirma como uma forma de não esquecimento:

Nelsinho, meu querido e amado. Está chegando o dia 30 de setembro, dia de você me visitar. Não sendo este sábado, que é dia 22, será no outro. Espero que você possa vir, pois eu quero abraçar e beijar você muitas vezes (Santos, 2000, p. 69).

Todas as cartas apresentam o carimbo do presídio que realçam esse contraste entre a inocência e o encanto que expressam as cartas coloridas e a condição fria e objetiva marcada pelo carimbo que lembra o instituto prisional. É interessante ressaltar que na última carta ele explica como foi o encontro com o juiz. No encontro, diz que vai continuar mantendo as mesmas opiniões, porém não será contra o governo, porque quer a liberdade para poder ficar ao lado do seu filho.

Pode-se verificar que na literatura de testemunho torna-se difícil o ato de narrar, pois é “inenarrável” (Seligmann-Silva, 2008, p. 67), a linguagem acaba sendo insuficiente para dar conta do que ocorreu, isso acontece também nessa obra, porém por outro viés, o autor utiliza a representação por meio do conteúdo imagético, porque o leitor/ouvinte é uma criança. Cabe a compreensão e a sensibilidade do pai em poupar o filho das mazelas e agruras de uma prisão. O trauma, nesse caso, está associado ao fato de estar longe e, conseqüentemente, não acompanhar o desenvolvimento do filho. Uma de suas preocupações é que a falta da figura paterna cause sofrimento em Nelson. Para isso, Rufino, como preso político, utiliza a imaginação histórica no sentido de preencher esse vazio causado pela ausência do filho e, por meio dela, o trauma pode ser narrado. Conforme explicita Seligmann-Silva (2008):

A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para a sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço (Seligmann-Silva, 2008, p. 70).



Em outro estudo, Seligmann-Silva (2010) também evidencia a importância do testemunho tanto para se estabelecer justiça como para a construção de um Estado mais justo e democrático. O autor afirma que: “O testemunho tanto artístico/literário como o jurídico pode servir para se fazer um novo espaço político para além dos traumas que serviram tanto para esfacelar a sociedade como para construir novos laços políticos” (Seligmann-Silva, 2010, p. 10).

Na entrevista à revista *Democracia Viva*, Santos explica os motivos que levaram à publicação do seu livro *Quando voltei, tive uma surpresa*, em que afirma o caráter de testemunho da obra e demonstra que o período da ditadura afetou a vida de toda a sua família:

[...] em primeiro lugar, que é um documento desse medo que qualquer pai tem de perder o filho, até quando há uma separação mesmo, sem ter motivo extra. E, em segundo, as cartas são testemunhos do efeito da repressão sobre uma família, sobre um pai, um menino (2010, p. 26).

Em outra revista, *Presença Pedagógica*, o autor afirma que a obra não se trata de “memórias do cárcere”, porque essas narrativas não conseguem ser completamente verdadeiras e nem expor os reais dramas de quem passa por essa experiência de reclusão:

Não pretendo escrever “memórias do cárcere”, embora aqui e ali rememore alguns episódios daquela experiência. Memórias desse tipo vêm filtradas, não são profundamente verdadeiras. O memorialista “esconde” suas covardias, seus medos, não consegue transmitir a terrível solidão do torturado, o misto de orgulho e desânimo que sofre. Acabam falsas [...] (2005, p. 9).

Seguindo o estudo de Sarlo (2007), observa-se na obra de Santos que a narração de sua experiência liga-se a um corpo e uma voz, a uma presença efetiva do sujeito na cena do passado. O testemunho depende da experiência e essa não existe sem a narração, é a linguagem que exprime a experiência e a transforma como comunicável, no campo do comum. O narrador teve uma experiência que contém um saber e, para isso, deve ser posto em narração, porque tem um compromisso ético com a verdade.

Ao situar o momento histórico da obra, pode-se observar que o Brasil estava sob o governo de Médici, também denominado “anos de chumbo”, o período mais duro e repressivo da ditadura com o aumento da censura e das perseguições políticas. Ainda, no final do livro há uma cronologia dos eventos, dos presidentes e suas principais ações nesse período,



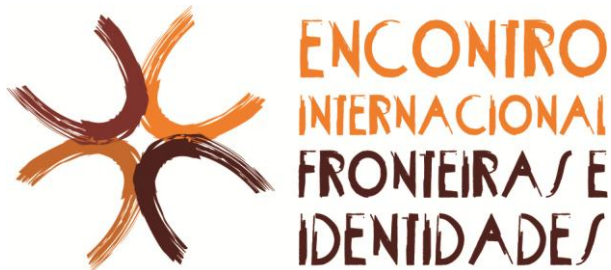
correlacionando os anos com o percurso de Joel, Teresa e Nelson, bem como os fatos que marcaram a vida de uma família. Em 1973, Joel é torturado e ameaçam trazer Teresa e Nelson para serem torturados também. Ele acaba sendo condenado pela Justiça Militar a quatro anos de prisão, reformado para dois anos. Começa a cumprir pena no presídio Tiradentes, transferido depois para o presídio do Hipódromo de onde são escritas as cartas para Nelson.

Mesmo que a obra não se enquadre em uma denúncia expressa que, geralmente, contempla a literatura de cárcere, Santos externaliza, por meio do simbólico, suas experiências na prisão, além de ser uma personagem que representa uma “memória social e histórica”. Ele passa pela experiência da ditadura, sobrevive e conta sua história, de certa forma, impede que tal período se perca no esquecimento.

A revalorização da primeira pessoa pressupõe a confiança no que se narra, dando ao testemunho um status de verdade ou um recurso para a reconstituição do passado denominada por Sarlo (2007) de “guinada subjetiva” em que “se narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada” (Sarlo, 2007, p. 19). Além disso, a autora afirma que o testemunho das vítimas foi algo indispensável que contribuiu para a instalação de regimes democráticos e por uma necessidade de reparação e justiça, não se limitando apenas à esfera jurídica, mas também operando “cultural e ideologicamente” (Sarlo, 2007, p. 24).

Santos ao contar histórias e recriar o ambiente na visão do filho, de certa forma, tenta assimilar e entender o que aconteceu e consegue transformar essa experiência individual em comunicável, capaz de dar sentido a experiência e, assim poder reparar o dano sofrido, uma ideologia da “cura identitária” por meio da memória social ou pessoal.

Pode-se concluir que a obra *Quando voltei, tive uma surpresa* é um relato de quem, além de ser privado da liberdade, teve de lidar com a distância do filho, como demonstram as palavras do autor à revista *Presença Pedagógica*: “é um depoimento, digamos, universal, para quaisquer pais e filhos ameaçados de separação” (2005, p. 9) e, acima de tudo, é uma manifestação evidente de carinho. As cartas são ricas em pureza e sensibilidade e tem a finalidade de evitar precoces decepções e, por meio da imaginação, torna a realidade traduzível aos olhos de uma criança. Mesmo tendo o direcionamento a um leitor específico, a obra traz, dentre outros, um importante ensinamento, permite compreender que a ausência física não anula ou extingue o sentimento, é a comunicação que promove a aproximação,



materializado, nesse caso, pelas cartas que ultrapassam as grades que isolam o narrador do mundo exterior e possibilitam o contato com as pessoas que lhe são estimadas.

Referências

NETO, Rosana de Mont'Alverne. **Correspondências do cárcere**: um estudo sobre a linguagem de prisioneiros. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-84PJD5> >. Acesso em: 10 de set. 2011.

PERES, Ciomara Breder. **Remexendo cartas novas e velhas, encontrando o inesperado**: uma análise comparativa de Mariana, Ovídio e as Três Marias. Disponível em: <www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/lca2903.htm >. Acesso em: 10 de set. de 2011.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Entrevista Joel Rufino**. Democracia Viva, São Paulo, n.33, p. 20-33, jan. 2010. Disponível em: <[www.ibase.br/userimages/dv_ibase_44_entrevista\(20-33\).pdf](http://www.ibase.br/userimages/dv_ibase_44_entrevista(20-33).pdf)>. Acesso em: 10 de set. 2011.

_____. **Quando eu voltei, tive uma surpresa**: cartas para Nelson. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **Leitores se formam nas escolas em que há sincera afeição pela literatura**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, n. 65, v.11, p. 5-12, set./out. 2005. Disponível em: <<http://www.presencapedagogica.com.br/capa2/entrevistas/65.htm>>. Acesso em 15 de out. 2011.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma**: a questão dos testemunhos das catástrofes históricas. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05> >. Acesso em: 10 de ago 2011.

_____. **O local do testemunho**. Disponível em: < <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/1894/1532> >. Acesso em: 10 de ago 2011.

VIEIRA, Cleber Santos. **História, literatura e a imaginação histórica de Joel Rufino**. Disponível em: < [http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD XX Encontro/PDF/Autores e Artigos/Cleber Santos Vieira.pdf](http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Cleber%20Santos%20Vieira.pdf) >. Acesso em: 10 de ago 2011.